

AGRICULTURA

Portugal estreia-se no milho para pipocas

Agromais, associação agrícola do norte do vale do Tejo, lidera projeto em parceria com cinemas da Zon

As pipocas querem-se doces em Portugal. Na Europa, ao contrário, a preferência recai nas salgadas. Daí que a pesquisa que os produtores de milho portugueses tiveram de fazer para chegar à variedade deste cereal mais adaptada ao gosto luso tenha sido profunda: foi preciso testar variedades, fazer ensaios de campo e provas de degustação. Até há pouco tempo, não existia produção de milho para pipocas em território português. Agora, a partir da região norte do vale do Tejo saem milhares de toneladas deste milho, mais miúdo, para adocicar as sessões de cinema nas mais de 200 salas da Zon Lusomundo.

Uma vez por mês, do centro de secagem e armazenamento da Azinhaga (Golegã), segue um camião de 25 toneladas para os dois centros de receção da cadeia de cinemas, no Carregado e no Porto. Uma porção ainda pequena para responder à procura. Os primeiros grãos de origem nacional foram colhidos na campanha de 2013 (quase 120 mil toneladas), mas o projeto arrancará oficialmente aquando da colheita deste ano, lá mais para setembro. Nele, estão envolvidos uma dezena de produtores da Agromais, uma associação de agricultores da Lezíria a norte do Tejo.

Sozinha, representa quase 30% da produção nacional de milho transacionada, mais de 118 mil toneladas — embora Portugal produza quase 800 mil toneladas deste cereal, apenas metade disso entra no circuito normal de comercialização, já que a outra parte se destina ao consumo próprio dos produtores, sobretudo para a alimentação dos animais.

Serão quase 70 hectares de terra dedicados a esta variedade de milho *popcorn* e, por agora, apenas uma parte deles está a produzir. Financiado pelo Proder — Programa de Desenvolvimento Rural, este projeto tem um investimento modesto, cerca de €18 mil, mas outro mais avultado (€250 mil) que se destina a custear as infraestruturas e equipamentos necessários.

Cooperativa que dá lucro

“Não é um grande projeto, mas pode ter um retorno muito grande. O milho para alimentação humana tem um valor acrescentado muito maior. E ainda diminuímos as importações desta variedade”, explica Jorge Durão Neves, diretor-geral da Agromais, organização de produtores criada em 1987 e que, no ano passado faturou €44,3 milhões.

O milho representa 86,3% do negócio: cerca de 60% da produção destinam-se às empresas



Jorge Neves dirige a Agromais, que lidera o projeto pioneiro de produzir milho para pipocas em Portugal

FOTO NUNO BOTELHO

de rações; os restantes 40% são para a alimentação humana (papas de bebé, flocos de cereais, cerveja, entre outros produtos). A Agromais, que explora 13 mil hectares na região, produz ainda trigo, cevada, batata para indústria e consumo, tomate, cebola, brócolos ou pimentos. “Somos uma cooperativa que dá lucro. Não temos qualquer problema em assumi-lo”, afirma o responsável por esta organização de produtores.

Ao redor da Golegã, a Agromais tem vários centros de operação: a Agrotejo, que presta apoio e formação aos agricultores da zona; e Agromais Plus, empresa criada em 1999 que disponibiliza fatores de produção aos agricultores, como sementes, adubos, fitofármacos

ou componentes de rega. “No ano passado, dos €13 milhões de vendas que a Agromais Plus fez, mais de €8 milhões foram feitas através de créditos dados aos nossos associados que, depois, nos pagam com a produção. Tentamos que isto seja um círculo virtuoso e beneficie todos”, assume Jorge Neves.

Em marcha, a Agromais tem vários investimentos. Um deles, de €2 milhões, visa aumentar a capacidade de secagem na estrutura detida pela Agromais em Riachos (Torres Novas). “Desde a nossa criação, dos €15 milhões que já investimentos, só cerca de €200 mil é que não foram objeto de apoio. Isto mostra bem a importância que nós damos aos fundos comunitários. Se eles existem são para serem

utilizados. Caso contrário, são devolvidos a Bruxelas”, remata.

Expandir além do Tejo

Outro empreendimento maior está a acontecer bem mais abaixo do Tejo, em Ferreira do Alentejo, onde a Agromais acabou de investir €4 milhões na construção de um centro de secagem de milho. A água de Alqueva propiciou o aumento exponencial da cultura deste cereal e a organização de produtores do norte do vale do Tejo não se fez rogada em descer mais a sul para angariar mais produções. Não apenas de milho, mas também de tomate e cebola (em 2013, mais de 50% da produção de cebola da Agromais teve origem no Alentejo). “O nosso mo-

delo de organização e de negócio é absolutamente replicável. Daí descermos até ao Alentejo”, conta o presidente da Agromais, Luís Vasconcelos e Souza, que é também o líder da Anpromis, a Associação Nacional de Produtores de Milho e Sorgo.

Segundo o responsável, Portugal, que apenas produz milho para um terço das suas necessidades, “pode duplicar” a produção anual de milho. Mas não mais do que isso. Dependerá dos grandes produtores mundiais, como os Estados Unidos, a América Latina e a Europa do Sul. Em 2013, das 1,6 milhões de toneladas de milho que Portugal importou, 826 mil chegaram da Ucrânia e 508 mil do Brasil.

JOANA MADEIRA PEREIRA
jmpereira@impresa.pt

NÚMEROS

70

hectares vão ser plantados com milho para pipocas

18

toneladas por hectare de milho cultivado foi o recorde em Portugal em 2012. O preço de venda por tonelada de milho em 2013 foi de €180

JOÃO COIMBRA, 51 ANOS, É DOS MAIORES PRODUTORES NACIONAIS DE MILHO

Milho mais sustentável

Em 2013, João Coimbra, produtor da região a norte do Tejo, colheu 16,7 mil toneladas de milho em 350 hectares de campos de milho. “Em 20 anos, os agricultores de milho foram obrigados a mais que duplicar a sua produção por hectare”, conta. O regadio e as novas tecnologias associadas ao

trabalho agrícola foram cruciais nesta evolução. Mas nem tudo vale: “A intensificação das culturas é necessária, mas numa lógica de sustentabilidade”, declara. É pioneiro na utilização das energias renováveis ao serviço da agricultura: a sua exploração produz toda a energia que consome; e reduziu em 40% as emissões de dióxido de carbono no processo de irrigação. Tem agora um novo projeto: com vários investigadores

e estudantes está a transformar as suas terras, ainda que intensamente exploradas, em abrigos para a biodiversidade. Além da já habitual rotação de culturas, passou a semear tremocilho e outras culturas que são especialmente atrativas para as abelhas, construiu pequenos charcos para répteis e anfíbios, criou abrigos para morcegos e zonas de refúgio (áreas arborizadas) para a fauna autóctone.

COMPRA ARTE

Compro pintura portuguesa e estrangeira de artistas consagrados, pagamento a pronto, máximo sigilo

TM: 931 106 164

Mail: artpt@mail.com

MÉDIO ORIENTE EXPORTAÇÃO

Empresa Luso/Árabe c/ instalações e sede no Dubai

- Estrutura: • Responsável árabe residente e fluente em inglês, português e árabe.
• 3 comerciais operacionais locais.
- Assegura: • Serviço de marketing e vendas, nos Emirados A.U.
• Espaço para mostra de produtos no Dubai.
• Apoio administrativo local.
• Custo de aderência elegível em Prog. Internacionalização IAPMEI.
• Cooperação/Ponte com Dubai, por empresa partner Portuguesa.
- Produtos Objectivos: • Origem Portuguesa, de consumo e industriais.

Contacto: carvima@carvima.net

Tudo o que se passa nos negócios, passa pela Exame

exame.sapo.pt

CAPA EM CORTIÇA

Já à venda

Exame OS MILHÕES DA CORTIÇA

OS MILHÕES DA CORTIÇA

Exame

Essencial nos negócios

Participações: APCOR, MEO, EOUTRA VIDA, Santander Totta, AON, Euronext, Lloyds Bank, AON